

O mundo subterrâneo de W. Eugene Smith

200 fotografias, gravações inéditas de jazz, um filme, um programa de rádio, um livro, palestras, concertos - é o resultado dos oito anos em que o fotógrafo da *Life* se “exilou” num prédio abandonado. Uma exposição para ver e ouvir até 22 de Maio em Nova Iorque

Anemary Soares, em Nova Iorque

● Quando se mudou para o *loft* do número 821 da Sexta Avenida, no centro de Manhattan, Eugene W. Smith procurava um refúgio. Tinha saído da revista *Life*, depois de mais uma guerra por causa da edição fotográfica do seu trabalho. E tinha abandonado a mulher e os quatro filhos. De Eugene, um dos mais importantes fotógrafos do século XX, célebre pelas suas imagens da Segunda Guerra Mundial no Pacífico, do interior da Espanha de Franco e de anónimos e heróicos personagens de pequenas cidades nos Estados Unidos, já se conhecia o temperamento problemático, compulsivo e depressivo. Eugene vivia obstinado pela ideia de se manter fiel à complexidade das suas personagens e com isso ganhou, no meio editorial, o estatuto de ele próprio ser uma personagem quixotesca.

Pelo prédio abandonado do número 821 passaram, nas décadas de 50 e 60, algumas das mentes mais criativas do século passado. Que Smith fotografou e gravou compulsivamente ao longo de oito anos. O resultado são 40 mil imagens e quatro mil horas em áudio, parte dos quais a New York Public Library for the Performing Arts agora mostra na exposição multimédia *Jazz Loft Project*: 200 fotografias, gravações inéditas de jazz, um filme em 11 mm e entrevistas (até 22 Maio).

13 anos em pesquisa

Em plena zona comercial, sem vizinhos por perto que pudessem reclamar com o barulho, o prédio era paragem obrigatória para artistas, músicos, prostitutas, traficantes e, claro, polícia. Enquanto a cidade dormia, saxofones, pianos, baterias e baixos explodiam em *jam sessions* alimentadas a cigarros, álcool e anfetaminas. Do jazz, Thelonious Monk, Zoot Sims, Chet Baker, Alice Coltrane, Bill Evans, Charles Mingus, Miles Davis. Das artes, Salvador Dalí e De Kooning. Da escrita, Norman Mailer ou Anaïs Nin. Da fotografia, o mestre Henri Cartier-Bresson.

O pintor David Young foi o primeiro a morar no 821. Seguiram-se-lhe o fotógrafo Harold Feinstein e os músicos Hall Overton - considerado um dos grandes mentores do jazz - e Dick Cary. Harold Feinstein e Eugene Smith ficaram logo amigos. “Havia sempre jazz e grandes festas no *loft*”, lembra Harold em entrevista pelo telefone



O saxofonista Zoot Sims



Jam session nocturna no loft



Thelonious Monk era visita frequente



Luzes do Rose Bar, vistas do 4.º andar do loft



Cena do quotidiano

ao P2. “O *loft* esteve no começo do momento alto do jazz nos Estados Unidos. Eugene fotografou e registou tudo. Foi uma grande contribuição.”

Tudo poderia não passar de uma lenda urbana não fosse o dedo pronto a disparar de Smith e a sua obsessão por aquele mundo subterrâneo da Sexta Avenida. Mas o verdadeiro culpado pelo *Jazz Loft Project* - além do site <http://www.jazzloftproject.org> há um livro, uma série para rádio, palestras, concertos e exposições - é o escritor e professor Sam Stephenson, que levou 13 anos a organizar e decifrar o trabalho de Eugene. Quando Stephenson começou a pesquisar para escrever uma biografia do fotógrafo, quis desde logo responder a este mistério: “Por que teria Eugene gravado tantas horas de áudio e quem eram, afinal, todas aquelas pessoas que iam passando por lá”, como conta ao P2 o próprio Stephenson, também numa entrevista pelo telefone.

Thelonious Monk era uma das visitas mais frequentes do *loft*. Foi lá que o músico ensaiou para as suas históricas apresentações no Town Hall, Lincoln Center e Carnegie Hall. Outro grande nome do jazz, Miles Davis, tinha ensaios noite fora, acompanhado por Elvin Jones, Charles Mingus e Teddy Charles, até conseguir gravar o álbum *Blue Moods*.

Como um documentário

Mas não foram as grandes estrelas que fascinaram Sam Stephenson. “Este projecto é uma oportunidade para preencher uma lacuna na história e falar de outros músicos, os menos conhecidos.” Como o baterista Ronnie Free, considerado um dos mais brilhantes músicos que passaram pelo *loft*, cuja carreira foi consumida por uma infância atormentada por um pai violento e pelo abuso das drogas nos anos em que viveu em Nova Iorque. Hoje, Ronnie, um músico pacato, tem a sua arte preservada em inúmeras gravações e deve-o a Eugene. Para Sam, o trabalho de Eugene Smith está ao nível de um documentário. “A história é contada através dos grandes eventos, do sensacional ao espectacular. É raro termos acesso ao quotidiano, aos bastidores, aos momentos esquecidos.” Eugene passava os dias a trabalhar, com o rádio e a televisão sempre ligados. Aliás, numa das gravações presentes na exposição, ouve-se o discurso de J.F. Kennedy no dia seguinte à sua eleição como 35.º Presidente



O fotógrafo na sua "janela indiscreta"

dos Estados Unidos da América. O fotógrafo também gravava os seus próprios telefonemas - num deles ouve-se uma discussão com um dos seus editores; noutra, comenta a família e a vida com um polícia que o tinha visitado no *loft*. Muitas das gravações no *loft* foram feitas sem o consentimento dos visitantes e dos moradores. Numa conversa com dois deles, o baixista Jimmy Stevenson e a pianista e compositora Alice McLeod - quando se casou com o saxofonista e compositor John Coltrane ficou Alice Coltrane -, Eugene tenta explicar que estava numa incessante busca pela espontaneidade. "Ele era um fotógrafo com uma grande ética profissional. Jamais exploraria ou submeteria alguém ao ridículo", diz Sam.

Um mundo esquisito

Nas paredes da galeria da New York Public Library for the Performing Arts, as fotografias deixam ver como Eugene entendia o local e as suas pessoas. De dia, do alto da sua janela no quarto andar, Eugene capturava o quotidiano e as suas inúmeras pequenas coisas, que definia como "um pandemônio de delicados detalhes e ritmos habituais, em constante transformação". À noite, as imagens são íntimas e frenéticas, expondo músicos com cigarros que pendem dos lábios, os seus instrumentos brilhantes, os copos sempre cheios. Um mundo que Eugene resume assim: "Esquisito e interessante."

"Quando Eugene se mudou para o Arizona, em 1978, meses antes da sua morte, os seus 59 anos mais pareciam 90. O seu corpo tinha sido consumido pelo álcool e pelas anfetaminas. Nos 13 anos que levei a pesquisar sobre Eugene, ficou claro para mim que a única coisa que ele fez em toda a sua vida foi trabalhar", conta Sam. Num dos suportes multimédia da exposição, vê-se um W. Eugene Smith grisalho e barbudo a fazer um balanço de carreira numa conversa com um repórter de uma estação de televisão norte-americana. Depois de falar dos horrores que viu na guerra e da complexidade das pessoas que fotografou, Eugene resume a sua relação com o trabalho: "É difícil... mas a fotografia nunca me desapontou. Considero-me um idealista, vivo atormentado e dividido entre a atitude do jornalista, que regista os factos, e a do artista, aquele que muitas vezes vive em conflito com os factos."